

ARTIGO/Nelson Vallejo-Gomez*

Os riscos das inovações no setor da Educação

Na área de educação, mesmo sendo prioritárias, as mudanças podem trazer conseqüências duras para quem as realiza. Mesmo indispensável, uma mudança estrutural defendida por um ministério suscita críticas tanto em países em desenvolvimento como nos desenvolvidos, em âmbitos diversos. E essas pressões podem significar uma retaliação no processo de transformação. Há duas semanas uma reviravolta em alguns quadros do governo francês fez vir à tona questionamentos dessa ordem, quando o primeiro-ministro Lionel Jospin decidiu afastar o ministro da Educação, Pesquisa e Tecnologia, Claude Allègre, no cargo desde 1997. Em seu lugar, entrou Jack Lang, pela segunda vez no posto que ocupou entre 1992 e 1993, no governo Mitterrand.

O nome de Allègre ficou mais conhecido no Brasil a partir de abril do ano passado, quando o então ministro esteve no País para estreitar laços com

as universidades e instituições de pesquisa científica e intensificar os projetos já existentes nestas duas áreas. Entre os projetos na área educacional envolvendo as duas nações destaca-se o acordo de cooperação universitária – firmado entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão vinculado ao Ministério da Educação no Brasil, e o Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil (Cofecub) –, que completa 21 anos em 2000. Um outro projeto em curso entre os dois países é a Rede Santos-Dumont, que envolve cerca de 30 universidades francesas e 26 brasileiras, facilitando a troca de estudantes de doutorado e de pesquisadores pós-doutorado entre os dois países. A rede é coordenada na França pela Universidade Paul Sabatier Toulouse III e no Brasil, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A intenção de Jospin, ao afastar Allègre, foi recuperar o



equilíbrio político entre as diferentes correntes do partido socialista. O primeiro-ministro foi submetido à pressão do corporativismo dos sindicatos dos professores, que se uniram contra as reformas necessárias ao sistema educacional francês. Para apaziguar os ânimos e poupar o desgaste de sua imagem, Lionel Jospin optou, então, por afastar seu ministro e amigo.

O geoquímico Claude Allègre foi consultor científico de Lionel Jospin quando este era responsável pelo Partido Socialista

francês e o acompanhou durante os quatro anos em que Jospin esteve à frente do Ministério da Educação. Dedicou-se à reforma do ensino superior e da pesquisa acadêmica. Lançou as bases da nova universidade na França e fez com que o estado e as regiões injetassem, entre 1990 e 1996, mais de 40 milhões de francos na construção de anfiteatros, bibliotecas, alojamentos de estudantes etc.

Acrédito que o governo da França acaba de perder uma das personalidades políticas mais preparadas que já teve. Allègre, de 63 anos, foi um dos poucos ministros da Educação capaz de dizer alto que sem reformas estruturais o sistema educacional francês – baseado no princípio do serviço público para todos – está gravemente ameaçado pelo ultraliberalismo do planeta. Ele ousou colocar o aluno no coração do sistema no lugar da figura do professor. Os professores não perdaram tal postura. As pressões a partir daí também se

multiplicaram no seio do partido socialista, culminando com o afastamento do ministro.

Allègre não tem a eloqüência de um negociador, mas reúne todos os predicados de um cientista preocupado com o destino educacional de seu país. No campo da política educacional externa, suas relações com o Brasil tornaram-se mais estreitas desde abril do ano passado, quando esteve no País na tentativa de reforçar as relações bilaterais nos campos educacional e científico. Na ocasião, Allègre – prêmio Crafoord, em 1986, concedido pela Academia Real de Ciências de Suécia, que equivale ao Nobel para as geociências – recebeu da Academia Brasileira de Letras (ABL) as Palmas Acadêmicas.

Além dos compromissos na política, Allègre está envolvido em projetos que têm como foco a manutenção da cultura latina. É membro fundador da Academia da Latinidade, instituição criada no fim do ano passado, composta por cientistas sociais,

historiadores, romancistas, ensaístas da Europa e das Américas. No dia 13 de março último, foi inaugurada no Rio de Janeiro a segunda sede da Academia na América Latina.

Uma de suas contribuições de maior relevância na área de pesquisa foi a mobilização da comunidade científica francesa, e mais tarde, das europeia e internacional, por meio de reuniões anuais análogas às das sociedades científicas americanas. O sucesso da União Europeia de Geociências (EUG) pode ser medido pelo seu crescimento (de 500 participantes no primeiro congresso, no início dos anos 80, a 5 mil nos dias de hoje). Nos últimos 20 anos, Allègre escreveu livros de prospecção científica. Um dos seus títulos é *A Espuma da Terra* (1983), que conta a história de nosso planeta, sobretudo a da formação dos continentes.

* Filósofo, poeta, secretário executivo da Academia da Latinidade, em Paris, e ex-Secretário Geral da Associação para o Pensamento Complexo